

## QUATRO POEMAS INÉDITOS DO ABADE LIMA BRANDÃO

*À memória de Pedro da Silveira*

Bartolomeu Soares de Lima Brandão pertence ao grupo relativamente restrito de poetas em actividade no Porto em meados do século XVIII. De acordo com Inocêncio Francisco da Silva<sup>1</sup>, nasceu nesta cidade a 24 de Agosto de 1725, tendo falecido a 18 de Outubro de 1777. Formado em Cânones na Universidade de Coimbra, ocuparia o cargo de Abade da igreja de S. Mamede de Coronado, Santo Tirso. Uma compilação da sua obra poética foi editada postumamente, em 1794: *Obras Poeticas de Bartolomeu Soares de Lima Brandão Abbade de Coronado. & C.*<sup>2</sup>. Companheiro do mais conhecido Paulino António Cabral, Lima Brandão foi recentemente objecto da atenção de Barbara Spaggiari<sup>3</sup>, que o considerou, a partir de uma epístola justamente dedicada ao Abade de Jazente<sup>4</sup>, como o introdutor em Portugal do alexandrino francês.

O objectivo deste artigo não é discutir a afirmação da ensaísta italiana, embora me cumpra chamar a atenção, apenas de passagem, para o facto de poetas brasileiros como Basílio da Gama e Silva Alvarenga terem praticado em data muito provavelmente anterior (o texto de Brandão não vem datado nem é datável com precisão) esse tipo de verso. De momento, é apenas meu propósito dar conta da descoberta de quatro poemas inéditos do Abade de Coronado e ainda de novos

---

<sup>1</sup> *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858, p. 337.

<sup>2</sup> Porto, Officina de Viuva Mallen, Filhos, e Companhia.

<sup>3</sup> «L'épître en vers de Lima Brandão à l'Abade de Jazente», in QUINT, Anne-Marie (dir.) – *Le Conte et la Lettre dans l'Espace Lusophone*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2001, p. 75-92.

<sup>4</sup> Começada pelo verso «Já, Paulino, a tua larga ausência», o poema vem na edição citada, p. 92-102.

testemunhos com variantes para textos que foram incluídos na edição póstuma da sua obra.

As fontes são duas miscelâneas manuscritas, datáveis de um período compreendido entre os finais do século XVIII e o primeiro quartel do século seguinte. A primeira é o Ms. 1528 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que inclui sete poemas atribuídos ao “Ab.º Soares de Lima”:

- Nam pode ser: em vam a fantazía [f. 15r] – Soneto
- Nam viste esse navio, e o movimento [f. 15r-15v] – Soneto
- Que he isto? que medonho rebuliço [f. 15v-16r] – Soneto
- Cupido a sua Máí buscando um dia [f. 16r] – Soneto
- Aqui foi Roma; aqui o altivo assento [f. 16r-16v] – Soneto
- Que foi da habitaçâm, q. á fama deve [f. 16v] – Soneto
- Marco Escauro sabendo que a seu filho [f. 17r-19r] – Romance

A outra é o Cod. 8603 da Biblioteca Nacional de Lisboa, que apresenta dois sonetos de “Bartolomeu Soares de Lima: abade de Coronado”:

- Licio, mancebo Inglez, a cujo asseio (p. 580) – Soneto
- Que foi da abitação, que à fama deve (p. 582) – Soneto

Deste conjunto de oito poemas, só quatro são inéditos: os sonetos «Que é isto? Que medonho rebuliço», «Aqui foi Roma; aqui o altivo assento», «Lício, mancebo Inglês, a cujo asseio» e o romance heróico «Marco Escauro sabendo que a seu filho». Os restantes – todos sonetos – apresentam algumas variantes de pouco relevo face à versão publicada na edição de 1794.

Embora este material não permita uma reavaliação da obra de um poeta setecentista claramente menor e quase esquecido, creio que se justifica a sua publicação. Apresento pois de seguida uma proposta de edição crítica dos poemas, de acordo com as normas que tenho vindo a seguir para textos deste período<sup>5</sup>. Relativamente aos sonetos não inéditos, adoptarei como base a versão impressa, anotando em rodapé as variantes dos testemunhos manuscritos agora dados a conhecer.

---

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*, Porto, Edição do Autor, 2001, p. 43-51.

1. Soneto *Que é isto? Que medonho rebuliço*

Testemunho manuscrito: BPMP, Ms. 1528, [f. 15v-16r]

Chegando à Cidade do Porto a notícia da morte do Rei Dom João V

Que é isto? Que medonho rebuliço  
Perturbado no Porto escuto agora?  
Os sinos atroando a toda a hora,  
Tiros fazendo as naus com desperdiço.

5 O veludo, o lemirte, a seda, o riço,  
A baeta mil essas condecora;  
Com tumultos se conte a quem o ignora  
Que o Rei morreu. Então já sei; por isso.

10 Morreu enfim o Rei, nova injucunda  
Que ao rico, ao pobre, à dama, ao velho, ao moço,  
Excepto ao Frade, de cor negra inunda!

Se em tal dor um conselho dar eu posso,  
Em lugar da tamanha barafunda  
Rezem-lhe antes por alma um Padre-nosso.

---

Leg. D. João V faleceu a 31 de Julho de 1750, em Lisboa.

2. Soneto *Aqui foi Roma; aqui o altivo assento*

Testemunho manuscrito: BPMP, Ms. 1528, [f. 16r-16rv]

A Roma destruída

Aqui foi Roma; aqui o altivo assento  
Da cabeça do seu Império vasto;

Agora, bem que jaz posta de rasto,  
{A}inda é de sua glória monumento.

5 A majestade dum e outro fragmento,  
Que a mão do tempo dispensou com gasto,  
Nunca pode perder o augusto fasto  
Que respira no mesmo abatimento.

10 Das mal caídas torres na altiveza  
Dos alastrados circos nas campinas,  
A nossa admiração fica {a}inda presa;

Quando tu morta, ó Roma, assim dominas,  
Quem te fará disputas à grandeza  
Bem que enterrada estejas nas ruínas?

---

4. e 11. A métrica impõe a aférese.

3. Soneto *Lício, mancebo Inglês, a cujo asseio*

Testemunho manuscrito: BNL, Cod. 8603, p. 580

Lício, mancebo Inglês, a cujo asseio  
Aumentava o esplendor a pouca idade,  
A Nise amava em tal extremidade  
Que lhe dizia um Etna ter no seio.

5 Quis a fortuna então que num passeio  
Apartado da gente e da cidade,  
Se achassem sós os dois com liberdade  
De ter d'amor o último recreio.

10 Lício, frio e mortal com fleuma Inglesa,  
Só disse, sem querer chegar ao cabo:  
«Meu bem, eu amo em Deus tua beleza».

Nise, julgando a acção por menoscabo,  
Irada diz com alma Portuguesa:  
«Oh, mais valera amar-me no Diabo!»

4. Romance *Marco Escauro sabendo que a seu filho*

Testemunho manuscrito: BPMP, Ms. 1528, [f. 17r-19r]

Romance

Marco Escauro sabendo que a seu filho  
Dos Cimbros o poder vencido tinha,  
Deste infortúnio a pena mitigava  
Na morte que a seu filho enobrecia;

5 Mas vendo-o vir dos bárbaros fugindo  
Para salvar do exército as relíquias,  
Com ira, com furor e com tristeza  
Estas vozes do peito ilustre tira:

10 «Que fizeste {s}, infeliz! Que fúria insana  
Te dominou nesta fugida indigna,  
Com que murchar fizeste {s} aqueles louros  
Plantados dos Escauros na família!

15 «Hoje se escureceu deles a glória;  
Ó sempre infausto, abominável dia,  
Que pudeste {s} prostrar com uma injúria  
A fama em tantos séculos sustida!

«Fugindo conservaste a vida, ah, froxo!  
Infame vida, que é nesta desdita

---

1. e ss. O poema refere-se a um episódio da história de Roma que tem como protagonistas Marco Emílio Escauro (163-c. 89 a.C.) e o seu filho mais novo, Emílio. Aquele obteve algum destaque como militar, servindo na Hispânia e na Sardenha, e ocupou posições políticas importantes, nomeadamente as de edil, cônsul e censor. Embora tenha sido acusado de vários crimes – inclusive de corrupção –, foi sempre absolvido, graças à sua influência. O filho combateu com o procônsul Quinto Catulo contra os Cimbros, no Ádige e, tendo fugido do campo de batalha, foi condenado pelo pai a não ser admitido à sua presença, castigo que levaria o jovem a suicidar-se.

20 De Roma afronta, opróbro dos Escauros,  
Dum Pai, dos Cidadãos vil ignomínia.

«Acaso não sentiste o nobre sangue  
Que em tuas veias infíeis palpita  
Desdizer-te esta acção, em que obscureces  
Mil honras por salvar uma só vida?

25 «Dirás que sendo o exército destruído  
Executaste as leis que a guerra dita;  
Quando no mal comum manda a prudência  
Não cumular estragos na ruína;

30 «Pertenderás também dizer que Roma  
Do exército o governo te destina  
Para que não logrando o vencimento,  
Não o vás acabar nas ousadias.

35 «Dirás que se no ardor das competências  
O Fado mais que o coração domina,  
Muitas vezes da sorte a atrocidade  
Emprende soçobrar a valentia.

40 «Dirás... Que hás-de dizer senão desculpas  
D'alguns pretextos vãos que a covardia  
Compõe para deixar a sua infâmia  
Da prudência entre os vivos confundida?

«Se quiseste evitar algum estrago,  
Não fugir mas morrer tu só devias,  
Pois salvaram-se os Esquadrões no tempo  
Que a tua morte os bárbaros detinha.

45 «Roma se te elegeu na Prefeitura  
De tantas Legiões, foi que entendia

---

20. Cidadãos] Cidadões

43. Este verso apresenta uma acentuação irregular: 3-8-10.

Lhes pudesses mostrar que entre os Romanos  
Ou triunfar ou morrer era a milícia.

50 «Se só domina o Fado nas Campanhas,  
Buscando a morte tu mais glória tinhas;  
Pois morrendo eras vítima do Fado,  
Fugindo triunfo vil dos Cimbros ficas.

55 «Quão venturosos sois, nobres Soldados,  
Em que vosso valor tenha a ufanía  
De dar-vos na Campanha honrosa tumba  
De inimigos cadáveres erguida!

60 «Feliz de mim se agora eu estivesse  
Tuas faces limpando enriquecidas  
E do pó e do suor e do teu sangue,  
Galas que aos filhos seus Marte administra!

«Eu cerrando-te as pálpebras alegre  
Com minhas próprias mãos encobriria  
Nos olhos teus o ameaçador aspecto  
Que da morte apesar nos Heróis brilha.

65 «Com lágrimas de gosto eu te lavara  
O ensanguentado corpo, olha que dita!,  
Ao mesmo tempo em que contasse as horas  
Da tua fama abertas nas feridas.

70 «Mas mísero de mim, quando a lembrança  
Os votos que frustrou o Fado aviva,  
Vendo que em cada glória que pondero  
A minha infâmia atroz se multiplica.

«Ó Torcato! Ó Romano verdadeiro!  
A um filho como o meu tu que farias?

---

65. lavara] levava

65. Trata-se de uma gralha evidente do original, que não hesitei pois em emendar.

73.-80. Referência a Tito Mânlio Torcato (sécs. V-IV a.C.), general romano responsável por importantes vitórias e que desempenhou também as funções de cônsul e de ditador. Condenou o próprio filho à morte pelo facto de ele ter desobedecido às ordens dadas durante a guerra contra os Latinos.

75 No arrojo o teu juntou trofeus aos Mânlios,  
Aos Escauros injúria o meu motiva.

«Se só por quebrantar o teu preceito,  
Um filho vencedor das luzes privas,  
Que obrara o teu ânimo com este  
80 Que ao sangue ofende, ao Pai, à Pátria irrita?

«Mas quê? Do que há-de obrar neste contraste  
Um Escauro, um Romano inda duvida?  
Se a morte pena foi a um temerário,  
Bem de outra sorte um fraco se castiga.

85 «Vai-te, filho infeliz; filho te chamo?  
A mentirosa língua se desdiga;  
Rasgue do coração a tua infâmia  
Dum terno nome esta impressão benigna.

90 «Eu, sim, eu te gerei; mas os alentos  
Que tua alma aleivosa inda respira  
São um mimo que os bárbaros te deram  
Para prémio da tua aleivosia.

95 «Vai-o lograr, ingrato; e busca neles  
Asilo que defenda os teus cruéis dias,  
Pois da Pátria e do emprego degradar-te  
Por minhas próprias mãos Roma me obriga;

100 «E meu pátrio poder justificado  
De filho meu te desnaturaliza;  
Dos Escauros murchara o trono todo,  
Guardando uma vergôntea entorpecida.

«Agora vai, fautor dos nobres Cimbros,  
Neles lograr coroa mais luzida;  
Justo é que quem procede contra Roma  
Entre bárbaros como Herói se admita.

---

94. O verso tem 11 sílabas. Uma hipótese de emenda consistiria na supressão do adjectivo.

98. A acentuação deste verso é menos comum: 2-4-10.

105 «Nem filho meu, nem Cidadão Romano,  
Nem Capitão a Pátria hoje te avista;  
E como o bem da morte não mereces,  
Dou-te a vida também que tanto estimas.

110 «Foge, fuge de mim, infame, e busca  
Para sempre evitar a minha vista,  
Já que instrumento vil dos meus horrores  
Tua presença nova dor me excita...»

O filho, que até 'li ao Pai ouvindo  
Mudo e na terra a vista tendo fixa,  
115 Nas cores do semblante um pouco disse  
A angústia em que seu coração vacila;

Vendo acabar do Pai os impropérios  
Só levantou os olhos para cima,  
Como quem se queixava ao Céu e aos Deuses  
120 De tamanho rigor, tal injustiça;

E logo com furor despindo a espada  
Válido contra o peito a ponta enrista;  
Brotou o sangue e na vívida corrente  
Que se derrama, a terra se matiza.

125 Aos soluços e aos ais dos seus Soldados  
Mostrando-se sua alma ensurdecida,  
Para as sombras fugiu toda indignada,  
Gemendo de vergonha, ardendo em iras.

---

116. Este verso tem uma acentuação menos comum: (2)-5-10.

5. Soneto *Que foi da habitação que à fama deve*

Testemunho impresso: Obras Poéticas, p. 1 = *A*

Testemunhos manuscritos: BNL, Cod. 8603, p. 582 = *A*<sub>1</sub> / BPMP, Ms. 1528, [f. 16v] = *B*

Versão de *A*

Que foi da habitação que à fama deve  
Os créditos maiores da grandeza?  
Aquele que do mundo a redondeza  
Soberbamente amedrentar se atreve?

5      Que é dos palácios, dos jardins que teve?  
Que é dos muros, das torres, da {s} riqueza {s}?  
Nada aparece já, não há certeza  
Dos campos onde Babilónia 'steve.

10     O tempo, que destrui-la determina,  
Não menos assolar feroz ameaça  
A lembrança que dela a história ensina;

Porque para que tudo lhe desfaça,  
Inda os mesmos despojos da ruína  
Aniquila, depois que os despedaça.

---

Leg. A babilónia destruída *A*<sub>1</sub> A Babilónia, cabeça do Império Assírio *B*

4. amedrentar] a amedrontar *B*

6. dos muros, das torres, da {s} riqueza {s}?) dos muros, das torres, das riquezas? *A* dos muros, das torres da riqueza? *A*<sub>1</sub> das torres, dos muros, da riqueza? *B*

7. não] nem *B*

8. onde] em que *A*<sub>1</sub> *B*

6. O esquema rimático impõe esta emenda.

9. A métrica torna a sinérese obrigatória em *destrui-la*.

6. Soneto *Cupido, a sua mãe buscando um dia*

Testemunho impresso: Obras Poéticas, p. 7 = *A*

Testemunho manuscrito: BPMP, Ms. 1528, [f. 16r] = *A*<sub>1</sub>

Versão de *A*

Cupido, a sua mãe buscando um dia,  
Encontra a Nise, em vez de que procura,  
E movido de tanta formosura,  
Mãe lhe chama, cuidando a Vénus via.

5 Nise vendo que o alado Deus corria  
Para a abraçar, lhe disse com secura:  
«Eu não sou tua Mãe»; e da loucura  
Com que amor se iludiu escarnecia.

10 Repara duvidoso então Cupido,  
E vendo-se enganado, um pejo brando  
Lhe cora o rosto e o deixa intristecido.

Disse a Amor eu, que estive isto observando:  
«Se todos nesse engano têm caído,  
Por que te estás, menino, envergonhando?»

---

2. de que] da que *A*<sub>1</sub>

7. Soneto *Não pode ser; em vão a fantasia*

Testemunho impresso: *Obras Poéticas*, p. 16 = *A*

Testemunho manuscrito: BPMP, Ms. 1528, [f. 15r] = *A*,

Versão de *A*

Não pode ser; em vão a fantasia  
Levanta nas perturbações da ideia  
Uma medonha imagem, toda cheia  
De sombras e de atroz melancolia.

5 Nise havia esquecer-se! Nise havia  
Da prometida fé mostrar-se alheia!  
Não cai no que é tão belo a nódoa feia  
Da vil ingratidão, da aleivosia.

10 É certo; mas a dor que na distância  
Tenho experimentado a tanto custo  
É causa desta minha extravagância.

Pois que! Que louco estou! Parece justo  
Valer contra a evidência da constância  
As vãs quimeras de um sonhado susto!

---

Leg. A Nise ausente, sonhando que ela era mudável *A*,

5. esquecer-se] de esquecer-se *A*,

8. vil] infiel *A*,

2. Este verso tem uma acentuação menos comum: (2)-8-10.

8. Soneto *Não viste esse navio e o movimento*

Testemunho impresso: *Obras Poeticas*, p. 21 = *A*

Testemunho manuscrito: BPMP, Ms. 1528, [f. 15r-15v] = *A*,

Versão de *A*

Não viste esse navio e o movimento  
Com que espertava o golfo sossegado?  
Como ia ufano, como empavesado?  
Que bem rasgava o líquido elemento!

5 Mas vê-lo agora? Os ímpetos do vento  
E os furores do mar encapelado  
Fazem que ora abatido, ora elevado,  
Toque no abismo, chegue ao firmamento.

10 Assim me aconteceu, quando a bonança  
Que em teus olhos lograva, ó Nise, vejo  
P'ra tormenta cruel fazer mudança;

Pois no saudoso mar em que pelejo  
São combates horríveis da lembrança  
Tudo o que foi lisonja do desejo.

---

Leg. Saudade de Nise *A*,  
3. empavesado?] empavesado! *A*,